

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Roberta de Carvalho Guimarães

**PRATICANTES DA UMBANDA NO CAMPO MEDIÚNICO JUIZFORANO: REFERÊNCIAS
AFRICANAS E INFLUÊNCIAS SINCRETIZANTES**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Volney José Berkenbrock.

Juiz de Fora
2018

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Roberta de Carvalho Guimarães**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201572094A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **PRATICANTES DA UMBANDA NO CAMPO MEDIÚNICO JUIZFORANO: REFERÊNCIAS AFRICANAS E INFLUÊNCIAS SINCRETIZANTES**, desenvolvido durante o período de 05 de agosto de 2018 a 28 de novembro de 2018 sob a orientação de Volney José Berkenbrock, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 28 de novembro de 2018.

Roberta de Carvalho Guimarães

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

PRATICANTES DA UMBANDA NO CAMPO MEDIÚNICO JUIZFORANO: REFERÊNCIAS AFRICANAS E INFLUÊNCIAS SINCRETIZANTES

Roberta de Carvalho Guimarães¹

RESUMO

O presente trabalho apresenta a trajetória do processo de formação da Umbanda no cenário brasileiro, mais especificamente Juiz de Fora, analisando a manifestação religiosa a partir do conceito de fenômeno social total. Assentando-se a tese da Umbanda como produto de mudanças sociais que se efetuam em uma direção determinada, observa-se a legitimação social e a integração social como fatores da mudança cultural e, a partir daí, observa-se o indivíduo praticante da Umbanda como potencial agente de transformação do ritual. Desse modo, estuda-se o perfil do umbandista juizforano e seu lugar no campo mediúnico da região, principalmente no que tange à sua influência na sobrevivência e metamorfose da memória coletiva africana umbandista. Como base metodológica, a pesquisa utiliza a narrativa das entrevistas realizadas, além das obras imprescindíveis nos estudos da Umbanda, como *A Morte Branca do Feiticeiro Negro*, de Renato Ortiz e *Presença na Recusa: a África dos pioneiros umbandistas*, de Emerson Giumbelli.

PALAVRAS-CHAVE: Praticantes de Umbanda; Campo mediúnico juizforano; Referências africanas na Umbanda; Referências sincretizantes na Umbanda.

1. INTRODUÇÃO

O intuito do presente estudo é investigar as formas diversas de influência, particularmente as africanas e as sincretizantes, na Umbanda praticada nos centros Cabana do Pai Tobias e Centro Espírita Servidores do Senhor, localizados em Juiz de Fora e, a partir daí, traçar um panorama de contato cultural entre africanos e brasileiros, mais especificamente juizforanos, umbandistas.

Cita-se, portanto, como objetivo deste trabalho, a análise da cultura da cidade em questão como resultado do fenômeno social total, mas também como parte constitutiva do campo mediúnico do sudeste para responder aos seguintes questionamentos: no que tange à sobrevivência e à metamorfose da memória coletiva africana, qual o papel do praticante e quais as especificidades da localidade?

O trabalho foi organizado da seguinte forma: inicialmente, delinea-se o cenário da origem da Umbanda, bem como seu conceito, enquanto religião. Assim, é possível visualizar a projeção dessa prática como um fruto de mudanças sociais que se efetuam numa direção determinada, e não como uma definição fixa no tempo-espaço. Assentando-se na tese da Umbanda como um produto do movimento de transformação global da sociedade, introduz-se a formação da Umbanda no Brasil e suas influências diversas.

A partir daí, tece-se um estudo acerca das especificidades juizforanas na prática da Umbanda, observadas no trabalho de campo, cuja metodologia é a do método narrativo, consistindo em relatos orais de umbandistas dos centros supracitados. A escolha dos terreiros foi feita a partir de critérios previamente estabelecidos: notoriedade e número de membros, uma vez que o estudo dispõe-se a trabalhar com o campo mediúnico juizforano em sua configuração mais representativa da cultura de Juiz de Fora. A escolha dos sujeitos entrevistados foi feita a partir da avaliação da assiduidade nos cultos e da ponderação entre envolvimento com a comunidade umbandista e tempo computado como integrante do centro.

Com os dados obtidos a partir do trabalho de campo, traça-se perfis para os centros escolhidos, com base no nível de influência sincretizante e/ou afrobrasileira de cada um; esse levantamento será essencial para

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: roguimaraesjf@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Volney José Berkenbrock.

traçar também as escalas psicométricas dos praticantes escolhidos e, por fim, da síntese deste estudo, trabalhar com o questionamento acerca do papel do umbandista juizforano na conservação da memória coletiva africana.

Já que é regida por critérios subjetivos, diferentes daqueles manejados pelo positivismo, considera-se esta uma pesquisa de cunho qualitativo, de meio e não de fim. À guisa de conclusão, por conseguinte, trabalha-se com a perspectiva histórica, cultural, social e política para a obtenção das respostas para as perguntas colocadas.

Estuda-se, portanto, a mudança cultural como fator de integração e legitimação social, tomando por base em obras imprescindíveis nos estudos da Umbanda, como *A Morte Branca do Feiticeiro Negro*, de Renato Ortiz, e *Presença na Recusa: a África dos pioneiros umbandistas*, de Emerson Giumbelli.

2. A FORMAÇÃO DA UMBANDA NO BRASIL

2.1. As influências sincretizantes na Umbanda

Para fins de elucidação sobre as mudanças culturais que ocorreram na Umbanda desde suas origens na África até sua formação no Brasil, não se poderia fazer uma pesquisa sobre a religião sem antes ilustrar o que se tem atualmente como teoria de sua origem e conceituação. Sobre essa temática, dispõe Renato Ortiz (1978)

O nascimento da religião umbandista deve ser apreendido neste movimento de transformação global da sociedade. A Umbanda não é uma religião do tipo messiânico, que tem uma origem bem determinada na pessoa do messias, pelo contrário, ela é fruto das mudanças sociais que se efetuam numa direção determinada [...] A análise de sua origem deve pois se referir dialeticamente aos processos das transformações sociais que se efetuam. Não se trata portanto de reencontrar o seu foco de irradiação (onde e quando a palavra Umbanda aparece pela primeira vez, tarefa que se revela aliás inútil), mas de compreender como um movimento de desagregação das antigas tradições afro-brasileiras que pode ser canalizado para formar uma nova modalidade religiosa. Em última instância, foi este fenômeno de “canalização” o responsável pela implantação e difusão da Umbanda, sem o qual os fragmentos da tradição se pulverizariam em uma multiplicidade de práticas, individualizadas na pessoa do macumbeiro. (ORTIZ, 1978, p. 29)

Existem também diversas outras propostas acerca do surgimento da religião, como a que sugere Hopkins (2014), de que a formação se deu no sudeste brasileiro, no início do século XX, a partir do catolicismo, do candomblé e do espiritismo ou a que sugere Kaitel (2017), de que a origem da Umbanda é a herança religiosa de uma evolução temporal do culto já existente aos orixás e das macumbas carioca e paulista. No entanto, independentemente da teoria utilizada, é importante observar o aspecto social presente em qualquer delas: a Umbanda, como qualquer religião, se desenvolve a partir da transformação social.

Assim, apreende-se que o conceito de Umbanda, enquanto religião, não pode ser uma definição fixa, mas sim o de um produto do movimento social vigente à época em que ocorreu sua formação; de modo que sua definição, no Brasil, estará ligada ao fim da escravidão e ao posterior processo de mestiçagem dele resultante, quando tem início o que é conhecido nos aportes teóricos como Ideologia do Embranquecimento.

Também conhecida como Tese do Embranquecimento, tende a fortalecer uma conexão direta, proporcional e já existente entre a superioridade e branquitude. Referência da teoria, o autor Thomas E. Skidmore (1976), assim a define

A tese do branqueamento baseava-se na presunção da superioridade branca às vezes, pelo uso dos eufemismos raças ‘mais adiantadas’ e ‘menos adiantadas’ e pelo fato de ficar em aberto a questão de ser a inferioridade inata. À suposição inicial, juntavam-se mais duas. Primeiro - a população negra diminuiria progressivamente em relação à branca, por motivos que incluíam a suposta taxa de natalidade mais baixa, a maior incidência de doenças e a desorganização social. Segundo - a miscigenação produzia ‘naturalmente’ uma população mais clara, em parte porque o gene branco era mais forte em parte devido as pessoas procurassem parceiros mais claros do que elas [...] Obviamente, conclusão otimista dessa análise racial repousava sobre uma afirmação básica: a de que a miscigenação não produzia “degenerados”, mais uma população mestiça sadia capaz de tomar-se sempre mais branca, tanto cultural quanto fisicamente” (SKIDMORE, 1976, p. 81).

O embranquecimento da população brasileira teve por consequência a mudança de posição do negro em relação ao mulato e o movimento de ascensão social deste, que exigia uma contradição: a fim de ascender individualmente na hierarquia social, através de sua “metade branca”, o mulato deveria embranquecer também a alma, desligando-se de sua “metade negra”. Para isso, não podendo praticar a Umbanda, cuja origem era atestadamente africana, engendraram o chamado “baixo espiritismo”

É preciso lembrar que “o espiritismo, a magia e seus sortilégios” estão inscritos entre os “crimes contra a saúde pública” no Código Penal promulgado logo no primeiro ano do regime republicano. Diante dessa ameaça, os espíritas procuraram argumentar que sua mediunidade nada tinha de magia e era toda inspirada pela caridade. As práticas que destoavam dessa definição seriam por eles chamadas de “falso espiritismo” ou “baixo espiritismo”. Ao longo das décadas de 10, 20 e 30, essa categoria se consolida também entre jornalistas, policiais e juizes – e daí chega aos intelectuais que se dedicavam a descrever o campo mediúnico [...] De fato, a categoria “baixo espiritismo” foi importante, sobretudo, para introduzir um viés nas práticas repressivas, como se vê na associação, então comum, entre “baixo espiritismo”, “feitiçaria” e “macumba” (GIUMBELLI, Emerson, 2006, p. 110)

Como coloca a Professora Léa Freitas Perez (2000), em *Breves Notas e Reflexões sobre a Religiosidade Brasileira*, foi o mestiço em processo de ascensão social, na figura do bacharel, quem mais transformou a Umbanda na prática que conhecemos hoje

Para Roger Bastide, “são esses mulatos, em parte desafricanizados no seu estilo de vida, que adulteraram profundamente os cultos, neles introduzindo suas próprias concepções estéticas, como Joãozinho da Goméa, ou sua meio-etnia européia como os fundadores do espiritismo kardecista” (Apud. Ortiz, 1978: 21). Não somente seu principal agente é um híbrido social, como também a operação religiosa que realiza é mestiça. Afinal, no cerne da umbanda encontramos a dupla interpenetração entre as crenças afro-brasileiras e o kardecismo, esse último representando o que poderíamos chamar de moderno mundo branco – ciência, conhecimento pelo aprendizado – e as primeiras, o tradicional mundo negro – magia, tradição oral. O triângulo de interpenetrações conta também com a presença do catolicismo. Como bem observa Renato Ortiz, a influência do catolicismo é “intrínseca” ao kardecismo e ao candomblé: assim como “Allan Kardec aplica a moral cristã ao mundo dos espíritos”, o catolicismo se faz presente na umbanda “através do altar, das imagens dos santos, dos cânticos que tendem a substituir a música ritmada pelos atabaques” (Ortiz, 1978: 31). Vale a pena lembrar que a umbanda adota o mesmo calendário litúrgico da Igreja Católica, ou seja, realiza as mesmas festas. A complexidade da hibridação operada pela umbanda pode ser evidenciada também pelo fato de que “é em grande parte pela mediação do espiritismo, feito religião, e religião altamente ética, no Brasil – o que não era necessariamente na sua origem, versão ética do cientificismo moderno – que a caridade, valor evangélico, entrou na constituição da umbanda” (Sanchis, 1997: 31) (FREITAS PEREZ, Léa, 2000, p. 20)

Isto posto, tem-se que a formação da Umbanda no Brasil conta com influências afro-brasileiras, kardecistas e católicas, que emergiram a partir da desagregação social produzida pelo embranquecimento e cuja síntese pode ter conservado tradições afro-brasileiras que precisaram, no entanto, ser reinterpretadas, normatizadas e codificadas pelos intelectuais brancos e mulatos de “alma branca”.

Apesar de ambos serem produtos das transformações sociais, faz-se necessário diferenciar o movimento de embranquecimento do que Ortiz chama de empretecimento. Enquanto aquele é a aceitação, pelos negros, da imposição de valores impostos pelo mundo branco, com o fim de suprimir a inferioridade social criada pelo sistema escravocrata; este é a aceitação do fato social negro e não da valorização das tradições negras, ou seja, a rejeição dos elementos genuinamente afro-brasileiros e a reinterpretação destes conforme a ideologia branca dominante; similar ao que hoje chamamos de apropriação cultural.

Desse modo, adotando-se a teoria supracitada, tem-se que as influências sincretizantes, ou seja, os elementos de correntes distintas que, reunidos numa tese, formam uma nova doutrina, foram reinterpretados, por uma transformação social via embranquecimento, o que originou o a Umbanda.

2.2 Integração e legitimação sociais da Umbanda

Como dito anteriormente, o conceito e a origem da Umbanda pairam sob a égide de um processo de mudança cultural. No subitem anterior, ilustrou-se a formação da prática da Umbanda no Brasil, a partir de um quadro transformações sociais na sociedade global brasileira. No entanto, faz-se mister analisar a aculturação no Brasil não apenas como um elemento de influência, mas sim um componente intrínseco da Umbanda, que se espelha no cosmo religioso da prática, perfazendo-o, como coloca Renato Ortiz (1978)

O cosmo religioso umbandista reproduz assim as contradições da sociedade brasileira; a religião encontra no social os princípios de conhecimento que classificam definitivamente o mundo religioso. Não é por acaso, e nós o repetimos mais uma vez, que a Umbanda nasce justamente no momento em que a sociedade de classes se consolida; esses traços sociais encontram-se na própria síntese da nova estrutura religiosa. (ORTIZ, 1978, p. 112)

Isso porque esse movimento de interpenetração de culturas é exatamente o que vai trespassar as influências kardecista, católica e afro-brasileira, transformando-as na Umbanda, donde conclui-se que a mudança cultural é o principal fator de dois elementos interligados: a integração e a legitimação sociais desta.

Por integração social, entende-se o movimento de reinterpretação, adaptação e fusão pelo qual passou a religião, absorvendo valores culturais e de classe da sociedade global vigente para que a prática religiosa estivesse em harmonia com o contexto vivido pelos praticantes. É a análise da evolução, no sentido de mudanças coerentes e graduais, que ocorreram na Umbanda para que esta não se extinguisse e permanecesse como instituição funcional. Como elemento interconectado à integração, tem-se a legitimação social.

O movimento de legitimação de uma religião é aquele no qual se compreende que não é suficiente que os grupos ou instituições funcionem, somente. Mais que isso, é necessário ainda que se legitimem num processo de incorporação de valores considerados fonte legítima para a classe em que a religião se insere: Para a Umbanda, os valores da sociedade urbano-industrial e de classes foram aqueles incorporados e aqueles que orientam a reinterpretação da prática.

Por legitimação social, portanto, entende-se a maneira pela qual a memória coletiva negra é penetrada pelos valores culturais e de classe, visto que a Umbanda, como um valor novo que emerge na sociedade, se apropria dos valores dominantes da sociedade global para adquirir status de conformidade. Como o processo de integração, a legitimação é uma integração legitimada pela sociedade.

A observação desses elementos se dá mais evidentemente na hierarquia de entidades da Umbanda, haja vista que os caboclos e os pretos velhos estão mais próximos da base do sistema religioso, por exemplo. Isso porque, como enfatiza Vagner Gonçalves da Silva, essas entidades remetem aos estereótipos dos segmentos formadores da sociedade brasileira: o indígena enaltecido pela literatura romântica e a idealização do escravo brasileiros que, ainda após ter sido submetido aos maus-tratos da escravidão, volta à terra para ajudar, inclusive os brancos - respectivamente. Um segundo exemplo são os considerados espíritos das trevas, entidades que incorporam em médiuns para evolução. Essa concepção advém, na verdade, do estereótipo obscuro que o catolicismo atribuiu a Exú e as pombagiras. Um terceiro e último exemplo é aquele das entidades como o Zé-Pilantira, as baianas, as ciganas, etc., aqueles que se situam no mesmo plano dos exús e pombagiras, apesar de mais evoluídos espiritualmente. Nesse caso, essas entidades representam os segmentos marginalizados da sociedade como os bêbados, os andarilhos, os migrantes e toda sorte de categoriais sociais fadadas à subordinação social. É por isso que, ainda segundo Vagner Gonçalves da Silva (2005)

Nesse sentido, a umbanda, ao absorver o sincretismo que caracteriza o universo religioso afro-brasileiro, o fez intervindo conscientemente nesse campo heterogêneo, com vistas a produzir uma síntese que refletisse, no nível religioso, as contribuições (e contradições) dos grupos formadores de nossa experiência social e histórica. E através dessas características que a umbanda pode se afirmar como religião que se quer genuinamente nacional, uma religião à moda brasileira. (DA SILVA, Vagner Gonçalves, 2005, p. 125).

No entanto, como elemento constituinte tanto da integração quanto da legitimação social, questiona-se em qual(is) conceito(s) de sincretismo cabe o que ocorreu no Brasil, pano de fundo da formação da Umbanda: a) se o aquele negação plena, isto é, a total separação dos elementos das culturas justapostas, o não-sincretismo; b) se aquele de fusão, como que o surgimento de algo novo a partir de elementos culturais primeiros; c) se aquele de paralelismo, ou seja, equivalência de elementos díspares; d) se aquele de convergência ou adaptação, como solução de um conflito cultural que se estabelece a partir da luta por uma posição na sociedade. Os deslindes dessas definições, propostas por Yuri Ávila (2007), encontrar-se-ão no esforço metodológico dos próximos capítulos.

3. O SINCRETISMO JUIZFORANO

3.1 A formação da Umbanda em Juiz de Fora

O campo mediúnico no Sudeste, de maneira geral, possui algumas especificidades em relação a seus praticantes de Umbanda. Isso porque o já citado “baixo espiritismo”, resultado da repressão de práticas religiosas como “o espiritismo, a magia e seus sortilégios”, ao invés de ser negada pelos intelectuais praticantes dessa região, começa a integrar a legitimidade social da Umbanda, muito diferentemente do que aconteceu no Nordeste, onde termos como esse foram rechaçados (GIUMBELLI, 2006, p. 109).

Não foram encontrados dados suficientes capazes de afirmar o real surgimento das práticas umbandistas em Juiz de Fora. No entanto, como cidade integrante do campo mediúnico do sudeste mineiro, por conta desse contexto externo, apresenta, a Umbanda juizforana, esse traço de “candomblé evanescente e difuso” ou de “macumba muito incerta e pouco assumida”, nas palavras de Giumbelli (2006).

Ao analisar o fenômeno social total juizforano, observa-se que, o fenômeno de imigração advindo da desagregação do sistema escravocrata, contribuiu para que o Sudeste, principalmente São Paulo, absorvesse a maior parte desses imigrantes. Como polo produtivo do país, onde o café constituía a principal riqueza, o Sudeste apresenta aumentos sensíveis nos números de população branca e mestiça, além da diminuição do povo negro.

Ao longo dos séculos XIX e XX, essas mudanças foram sofrendo agravamento, como pode ser observado nos seguintes dados, retirados da obra *A Morte Branca do Feiticeiro Negro* (ORTIZ, 1978, p. 24):

No Estado de São Paulo, em 1886 havia 24.249 brancos nacionais; em 1893, 44.748; em 1940, 467.214. No grupo de brancos estrangeiros, o cenário é bem parecido: em 1886, 12.085; em 1893, 70.978; em 1940, 473.603. Já a população de negros e mulatos aumentou em um número visivelmente menor: em 1886, havia uma população de 3.825 negros e 6.450 mulatos; em 1893, esses números sobem para 5.920 e 8.639, respectivamente; em 1940, por fim, há um número de 87.822 de ambas as populações somadas.

Já no Estado do Rio de Janeiro, em 1872, havia uma porcentagem correspondente a 55,2% de brancos; em 1890, 62,7% e, em 1940, 71,1% da população, o que perfaz quase todo o cenário fluminense. O número de negros é, em 1872, correspondente a 24,1% da população; em 1890, 12,3% e, em 1940, 11,3%, um número drasticamente reduzido haja vista o ano de 1872. Com a população de mestiços, no entanto, o cenário é um pouco diferente: em 1872, há o correspondente a 20,6% da população da cidade; em 1890, esse número sobe para 24,9%; no entanto, em 1940, a porcentagem volta a ser reduzida para ainda menos do que a do ano de 1872: apenas 17,3% da população do Estado é mestiça.

Em Juiz de Fora, mais especificamente, o plano macro se repete

Conforme destaca o historiador Caio Silva Batista, em sua obra *A opinião pública e os escravos em um núcleo urbano da Zona da Mata mineira, Juiz de Fora 1870 – 1888*, as décadas de 1870 - 1880 apresentam relevância por representarem o período de auge do sistema escravista no núcleo urbano de Santo Antônio do Paraibuna. O censo realizado em 1872 que demonstra o município detentor de 26% da população escrava da província de Minas Gerais. (Rodrigues, Ellen, 2015, p. 48)

Enquanto isso, a população negra no norte e nordeste sofre diminuição ínfima, o que demonstra o encadeamento entre a memória coletiva ter resistido melhor aos impactos do mundo branco nas grandes metrópoles nordestinas, que, além de terem recebido grande parte da mão-de-obra escrava, sofreram uma redução muito baixa do povo negro.

As especificidades do campo mediúnico juizforano, portanto, podem ser descritas como tendências de apagamento de traços afrobrasileiros da Umbanda, engendrados pelo embranquecimento característico do baixo espiritismo. Além disso, o fator de diminuição da população negra no cenário da região faz com que haja também uma disposição à gradual obliteração da memória coletiva desse povo, principalmente no que se refere às práticas umbandistas, por conta da criminalização destas.

3.2. A constituição do campo mediúnico juizforano

Tendo em mente o contexto da formação da Umbanda em Juiz de Fora, portanto, o atual trabalho de campo utilizou-se dos centros Cabana do Pai Tobias e Centro Espírita Servidores do Senhor para tecer as especificidades na prática da religião: a partir das referências africanas e sincretizantes são observadas nas sessões juizforanas, traça-se um perfil para o campo mediúnico da cidade, alicerçado no ponto de contato entre umbandistas africanos e brasileiros e na espécie dessa contiguidade (negação, fusão, paralelismo, convergência).

No que se refere aos centros escolhidos a partir de sua notoriedade e número de membros, apresentam-se as seguintes informações:

O centro Cabana do Pai Tobias, de agora em diante chamado apenas Centro 1, fica localizado à Rua Manoel Magalhães, Bairro Francisco Bernardino; já o Centro Espírita Servidores do Senhor, de agora em diante chamado apenas Centro 2, fica localizado à Rua Ribeiro de Abreu, nº 661, Bairro Bairro.

Tendo por conta as descrições de cada centro, objetiva-se traçar um pano de fundo para o imaginário da pesquisa: em que medida esses detalhamentos se comunicam com o que se tem como pano de fundo que compõe o imaginário do que seria uma prática de uma religião afrobrasileira que possuísse menos elementos sincretizantes?

Para fins comparativos, utiliza-se o Candomblé como religião afrobrasileira com menor quantidade de elementos sincretizantes e os quadros comparativos retirados de *Candomblé e Umbanda: Caminhos da Devoção Brasileira*, de Vagner Gonçalves da Silva.

Diferenças rituais entre o Candomblé e a Umbanda

PANTEÃO

Candomblé: predomínio de um número menor de categorias de entidades circunscritas aos deuses de origem africana (orixás, voduns, inquices), erês (espíritos infantis) e eventuais caboclos (espíritos ameríndios).

Umbanda: predomínio de um número maior de categorias de entidades agrupadas por linhas ou falanges (orixás, caboclos, pretos velhos, erês, exus, pombasgiras, ciganos, marinheiros, zé-pilantra, baianos, etc.).

FINALIDADE DO CULTO ÀS DIVINDADES

Candomblé: serem louvadas através de rituais privados e festas públicas nas quais os deuses incorporam nos adeptos, fortalecendo os vínculos que os unem e potencializando o axé (energia mítica) que protege e beneficia os membros do terreiro.

Umbanda: o desenvolvimento espiritual dos médiuns e das divindades (da escala mais baixa, representada pelos exús, à mais alta, representada pelos orixás, quando incorporam nos adeptos, geralmente o fazem para trabalharem receitando passes e atendendo ao público.

CONCEPÇÃO E FINALIDADE DO TRANSE

Candomblé: declarado inconsciente e legitimamente aceito somente após a iniciação do fiel para um número reduzido de entidades.

Umbanda: declarado semiconsciente e permitido para um número maior de entidades, na medida do desenvolvimento mediúnico do fiel.

INICIAÇÃO

Candomblé: condição básica para o ingresso legítimo no culto. Segregação do fiel por um longo período; raspagem total da cabeça; sacrifício animal e oferendas rituais. Grande número de preceitos.

Umbanda: existe mas não como condição básica para o pertencimento ao culto; camarinha: segregação do fiel por um período curto, raspagem parcial da cabeça (não obrigatória), sacrifício animal (não obrigatório) e oferendas rituais. Predomínio do batismo, realizado na cachoeira, no mar ou através de entregas de oferendas na mata.

PROCESSOS DIVINATÓRIOS: MODOS DE COMUNICAÇÃO COM OS DEUSES

Canbomblé: predomínio do jogo de búzios realizado somente pelo pai-de-santo (sem necessidade do transe), que recomenda os ebós ou despachos para a resolução dos problemas do consulente.

Umbanda: predomínio do diálogo direto entre os consulentes e as divindades que dão "passes" ou receitam trabalhos.

HIERARQUIA RELIGIOSA

Candomblé: estabelecida a partir do tempo de iniciação e da indicação dos adeptos para ocuparem os cargos religiosos. Fundamental na organização sócio-religiosa do grupo.

Umbanda: estabelecida a partir da capacidade de liderança religiosa dos médiuns e de seus guias. Importância da ordem burocrática.

MÚSICA RITUAL

Candomblé: predomínio de cantigas contendo expressões de origem africana. Acompanhamento executado por três atabaques percutidos somente pelos alabês (iniciados do sexo masculino que não entram em transe).

Umbanda: predomínio de pontos cantados em português, acompanhados por palmas ou pelos curimbas (atabaques), sem número fixo, que podem ser percutidos por adeptos (curimbeiros), de ambos os sexos.

DANÇA RITUAL

Candomblé: formação obrigatória da "roda de santo" (disposição dos adeptos na forma circular, dançando em sentido anti-horário). Predomínio de expressões coreográficas preestabelecidas, que identificam cada divindade ou movimento ritual.

Umbanda: não-obrigatoriedade da formação da "roda de santo". Disposição dos adeptos em fileiras paralelas. Predomínio de uma maior liberdade de expressão da linguagem gestual nas danças que identificam as divindades.

(DA SILVA, Vagner Gonçalves, 2005, p. 122)

A partir da observação do ritual em cada centro, traça-se o perfil de cada um em termos de aproximação ou distanciamento das influências sincretizantes, estabelecendo, também, o *locus* de fala de cada praticante, para que seja possível também traçar um perfil mais fidedigno deste.

A fim de traçar o perfil do praticante umbandista juizforano e partir dos critérios retromencionados de assiduidade nos cultos, envolvimento com a comunidade umbandista e tempo como integrante do centro, foram feitas as seguintes perguntas para um praticante de cada centro:

1. Qual seu nome?
2. Qual sua idade?
3. Qual sua cidade natal?

4. Há quanto tempo e com que frequência você frequenta esse centro?
5. Quando e como foi sua escolha pela Umbanda?
6. Você conhece algum africano ou afrodescendente (máximo de 2 gerações)? Se sim, esse fato influenciou na sua escolha pela Umbanda?
7. Para você, o que é cultura africana?
8. Para você, a Umbanda é parte da cultura africana? Quais elementos comprovam sua resposta?
9. Para você, existe alguma outra cultura da qual a Umbanda faz parte? Qual? Quais elementos comprovam sua resposta?
10. Para você, existe alguma ligação entre o praticante da Umbanda brasileiro e o Africano? Se sim, qual seria seu papel nessa conexão?

O intuito dos questionamentos acima foi traçar escalas psicométricas de cada praticante, de modo que fosse possível constatar em que medida seu perfil se identificasse objetiva (perguntas 3, 5, 6) e subjetivamente (perguntas 7, 8, 9, 10) com a cultura africana.

Da síntese desse levantamento de perfis, pretende-se elucidar as questões colocadas na Introdução deste estudo.

4 O PERFIL UMBANDISTA JUIZFORANO

4.1. Perfil do Praticante do Centro 1

Das respostas às perguntas realizadas, em conjunto com as sessões assistidas:

1. Carlos²
2. 62 anos
3. Belo Horizonte - MG
4. Eu frequento esse centro há cinco anos, mas é esporadicamente que eu vou lá, não é sempre não, mas agora eu estou indo com mais frequência.
5. Ah, isso veio da minha mãe, ela é católica, ela é kardecista, mas ela passou pela umbanda e eu passei a frequentar com ela.
6. Não.
7. Ah, a cultura africana é a nossa raiz. Eu acho que nós temos muita raiz dos africanos. Nós fomos colonizados, eles vieram para cá... Nós temos muitas afinidades.
8. É. Xangô, Oxalá, é... Preto Velho.
9. Outra cultura? Hum... Não
10. Não.

Depreende-se o seguinte perfil:

4.2. Ritual do Centro 1

No que tange ao panteão, foi possível observar um predomínio de um número maior de categorias de entidades agrupadas por linhas ou falanges (orixás, caboclos, pretos velhos, erês, exus, pombasgiras, ciganos, marinheiros, zé-pilántra, baianos, etc.).

No que tange às finalidades do culto às divindades, foi possível observar o desenvolvimento espiritual dos médiuns e das divindades (da escala mais baixa, representada pelos exús, à mais alta, representada pelos orixás, quando incorporam nos adeptos, geralmente o fazem para trabalharem receitando passes e atendendo ao público).

No que tange à concepção e finalidade do transe, foi possível observar que declarado semiconsciente e permitido para um número maior de entidades, na medida do desenvolvimento mediúnico do fiel.

No que tange à iniciação, foi possível observar que existe mas não como condição básica para o pertencimento ao culto; camarinha: segregação do fiel por um período curto, raspagem parcial da cabeça (não

² Os nomes de ambos os entrevistados foram trocados por codinomes, a fim de preservar o anonimato.

obrigatória), sacrifício animal (não obrigatório) e oferendas rituais. Predomínio do batismo, realizado na cachoeira, no mar ou através de entregas de oferendas na mata.

No que tange aos processos divinatórios, foi possível observar o predomínio do diálogo direto entre os consulentes e as divindades que dão "passes" ou receitam trabalhos.

No que tange à hierarquia religiosa, não foi possível aferir, através das sessões observadas, se os fiéis estabelecem a hierarquia através da liderança do médium ou a partir do tempo de iniciação.

No que tange à música ritual, foi possível observar o predomínio de pontos cantados em português (apesar de alguns conterem expressões africanas), acompanhados por palmas ou pelas curimbas (atabaques), sem número fixo, que podem ser percutidos por adeptos (curimbeiros) de ambos os sexos.

No que tange à dança ritual, não foi possível aferir, através das sessões observadas, se a formação da "roda de santo" é obrigatória ou não; ou mesmo se os movimentos são naturais ou coreografados.

4.3. Perfil do Praticante do Centro 2

Das respostas às perguntas realizadas, em conjunto com as sessões assistidas:

1. Bruna
2. 37 anos
3. Barbacena - MG
4. Frequento há dois anos, duas vezes por semana.
5. Foi em 2000 e... Ah, perdi as contas, mas tem 17 anos... não, 20 anos, na verdade, que eu frequento e foi por... Ah, foi em 1998 (risos). Resumo da resposta: foi em 1998, por influência da minha ex-cunhada que me levou para conhecer e eu me apaixonei pela doutrina.
6. Sim, conheço, mas não influenciou na minha escolha.
7. Ah, cultura africana são... quando eu penso em cultura africana eu penso mais na questão daquelas roupas mesmo, dos turbantes lindos que as mulheres usam, a questão do país assim e eu não associo à religião, entendeu?
8. Sim, para mim é parte da cultura africana... isso é histórico, né?! Na verdade, a cultura africana ela tem parte da religiosidade dela baseada na Umbanda, mas tem parte que é Candomblé, que é a parte que cultua os orixás mais antigos, tem parte que é quimbanda, tem parte que eles seguem, é... alguns rituais que incluem – eu não sei nem o nome, incluem alguns sacrifícios de animais e etc, como, por exemplo, aquela coisa dos bonecos de vudu, isso aí já é uma outra parte da religião, mas, assim, tem muita influência da cultura africana e parte disso também vem da descendência da época dos escravos. Porque a Umbanda ela surgiu muito na época da questão dos escravos, que tinham a Umbanda como religião principal.
9. Acho que essa resposta tem a ver com o que eu acabei de falar, né. A Umbanda vem muito da parte dos negros, escravos, né, que era a religião a qual eles seguiam seus rituais, os cânticos, né, assim como a capoeira... Isso veio mesmo da cultura negra, né, e muito da questão da – ai, meu Deus, acabei de falar – da escravatura! Mas, assim, é uma coisa que hoje não existe mais, são fatos históricos, assim, a comprovação seria através, realmente, dos livros históricos que relatam esse hábito, essa cultura realmente, essa fé, essa crença que eles viviam todos os dias.
10. Não, eu não acredito que existe uma relação, eu acho que somos todos filhos da mesma fé, né, porque aqui em Juiz de Fora especificamente e o centro que eu frequento é uma Umbanda que as pessoas costumam chamar de Umbanda branca, sendo que isso nem existe, mas o que que quer dizer? É uma Umbanda leve, onde só se trabalha com caboclos, Pretos Velhos, as linhas de Erês, que são as crianças de Angola, Povo D'Água, Baianos, Boiadeiros, são as linhas de direita. E quando a gente pensa mais numa questão africana, uma questão mais raiz da Umbanda, da Quimbanda, etc, pensa-se muito também na questão do Candomblé, dos Orixás, do sacrifício de animais, os cânticos são diferentes, os rituais são diferentes, então a não ser pelo fato de achar que somos todos filhos da mesma fé, eu não acho que tenha alguma influência ou alguma conexão, né. A fé é a mesma, a crença é a mesma, os Orixás são os mesmos, os Caboclos, os Pretos Velhos, enfim, são os mesmos, porém existem as hierarquias dentro das próprias linhas de Caboclos, de Pretos Velhos, de direita, de tudo né, de

Pomba Giras, que a linha de esquerda, de Exú, enfim. Dentro das próprias hierarquias cada um, cada lugar, cada centro, cada médium trabalha com uma entidade, de acordo com o seu desenvolvimento e seu merecimento, mas eu acho que a conexão, se eu fosse definir, é a fé, e, enfim, a devoção às mesmas entidades de luz.

Depreende-se o seguinte perfil:

4.4. Ritual do Centro 2

No que tange ao panteão, foi possível observar o predomínio de um número maior de categorias de entidades agrupadas por linhas ou falanges (orixás, caboclos, pretos velhos, erês, exus, pombasgiras, ciganos, marinheiros, zé-pilantira, baianos, etc.).

No que tange às finalidades do culto às divindades, foi possível observar que estas sendo louvadas através de rituais privados e festas públicas nas quais os deuses incorporam nos adeptos, fortalecendo os vínculos que os unem e potencializando o axé (energia mítica) que protege e beneficia os membros do terreiro.

No que tange à concepção e finalidade do transe, não foi possível aferir, através das sessões observadas, se os fiéis consideram este um transe inconsciente ou semiconsciente.

No que tange à iniciação, foi possível observar que existe mas não como condição básica para o pertencimento ao culto; camarinha: segregação do fiel por um período curto, raspagem parcial da cabeça (não obrigatória), não ocorre o sacrifício animal, nem mesmo como não obrigatório, apesar de existirem oferendas rituais. Predomínio do batismo, realizado na cachoeira, no mar ou através de entregas de oferendas na mata.

No que tange aos processos divinatórios, foi possível observar o predomínio do diálogo direto entre os consulentes e as divindades que dão "passes" ou receitam trabalhos.

No que tange à hierarquia religiosa, foi possível observar que é estabelecida a partir da capacidade de liderança religiosa dos médiuns e de seus guias. Importância da ordem burocrática.

No que tange à música ritual, foi possível observar o predomínio de pontos cantados em português, acompanhados por palmas ou pelas curimbas (atabaques), sem número fixo, que podem ser percutidos por adeptos (curimbeiros) de ambos os sexos.

No que tange à dança ritual, não foi possível aferir, através das sessões observadas, se a formação da "roda de santo" é obrigatória ou não; ou mesmo se os movimentos são naturais ou coreografados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, depreende-se que o conceito de sincretismo que ocorreu no Brasil foi aquele de fusão, ou seja, o surgimento de algo novo a partir de elementos culturais primeiros. Isso porque não se pode falar em conflito social por posição hierárquica, nem mesmo em negação plena dos elementos das culturas sincretizantes. No que tange à equivalência de elementos díspares, tem-se que, apesar de haver elementos cultuados na Umbanda que existem também nas influências sincretizantes, esses elementos possuem significados diferentes em cada doutrina, de modo que também não se possa falar em equivalência destes.

Além disso, pode-se observar que o perfil do umbandista juizforano é aquele que reconhece a raiz africana e suas referências na prática umbandista (entendidas estas, principalmente, como as entidades herdadas da cultura africana e do contato histórico, através da escravatura). O umbandista juiz-forano não reconhece nenhuma outra cultura como influente na religião, como foi observado nas entrevistas; no entanto, dá-se especial enfoque na resposta número 5 de Carlos, onde este, ao informar seu contato com a Umbanda, fala da vivência de sua mãe ("ela é católica, kardecista..."): ou seja, constata-se que a prática do catolicismo e do kardecismo convivem em harmonia com a prática umbandista, muito provavelmente porque foram elementos daqueles que, reunidos e reinterpretados, constituíram esta.

Nota-se também que, principalmente no caso da entrevistada Bruna, há uma referência direta ao embranquecimento que engendrou a Umbanda, que pode ser refletido na fala do que a entrevistada chama de "Umbanda branca" (a Umbanda "leve"). Há também uma confusão com os elementos rituais da Umbanda e do Candomblé, visto que, no perfil do Centro 2, existem elementos que se enquadram na tabela do Candomblé, enquanto a entrevistada garante a existência de uma diferença enfática entre a Umbanda praticada no centro e o Candomblé (uma influência sincretista não reconhecida).

No que diz respeito à influência do umbandista juizforano na sobrevivência e metamorfose da memória coletiva africana, pode-se dizer que o praticante juizforano não enxerga seu papel como transformador da sociedade global, movimento que rege a mutabilidade e a estabilidade da Umbanda. Isso porque não ocorre o reconhecimento de influências sincretizantes como formadoras da religião, o que pode fazer com que o praticante enxergue a Umbanda como puramente africana e não consiga alcançar a grandeza de sua participação na dinâmica da prática.

6. REFERÊNCIAS

ÁVILA, Y. P. . Sincretismo (verbetes). Salvador: Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade - UFBA, 2007 (CD Rom - Mais definições em trânsito). Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/SINCRETISMO.pdf>>. Acesso em: 25 de out. de 2018.

GIUMBELLI, Emerson. Presença na recusa: a África dos pioneiros umbandistas. Esboços-Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, v. 17, n. 23, p. 107-118, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/14757>>. Acesso em: 25 de out. de 2018.

JARDIM, Tatiana. Umbanda: História, cultura e resistência. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: < <http://www.unirio.br/unirio/cchs/ess/tccs/tcc-tatiana-jardim-1>>. Acesso em: 25 de nov. de 2018

MARTINS DIAS, Paulo. A ideologia do branqueamento na educação e implicações para a população negra na sociedade brasileira. RevistAleph, v. 9, n. 22, ISSN 1807-621, dez. 2014. Disponível em: <<http://revistaleph.uff.br/index.php/REVISTALEPH/article/viewFile/101/94>>. Acesso em: 25 de out. de 2018.

ORTIZ, Renato. A morte branca do feiticeiro negro. Cadernos (Universidade de São Paulo, Centro de Estudos Rurais e Urbanos), v. 9, p. 119-125, 1976.

PEREZ, Léa Freitas. Breves notas e reflexões sobre a religiosidade brasileira. Brasil, v. 500, p. 40-58, 2000. Disponível em: <<http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a8-lfreitas.pdf>>. Acesso em: 25 de out. de 2018.

RODRIGUES, Ellen. A “escalada da violência” em Juiz de Fora: Para pensar melhor. Passagens_teste, v. 7, n. 1, p. 40-74, 2015. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/revistapassagens/artigos/v7n1a32015.pdf>>. Acesso em: 25 de out. de 2018.

KAITEL, Alexandre. A narrativa mítica do surgimento da Umbanda. Disponível em: < <http://domtotal.com/noticia/1203691/2017/11/a-narrativa-mitica-do-surgimento-da-umbanda/>>. Acesso em: 25 de nov. de 2018.